

nefro SP

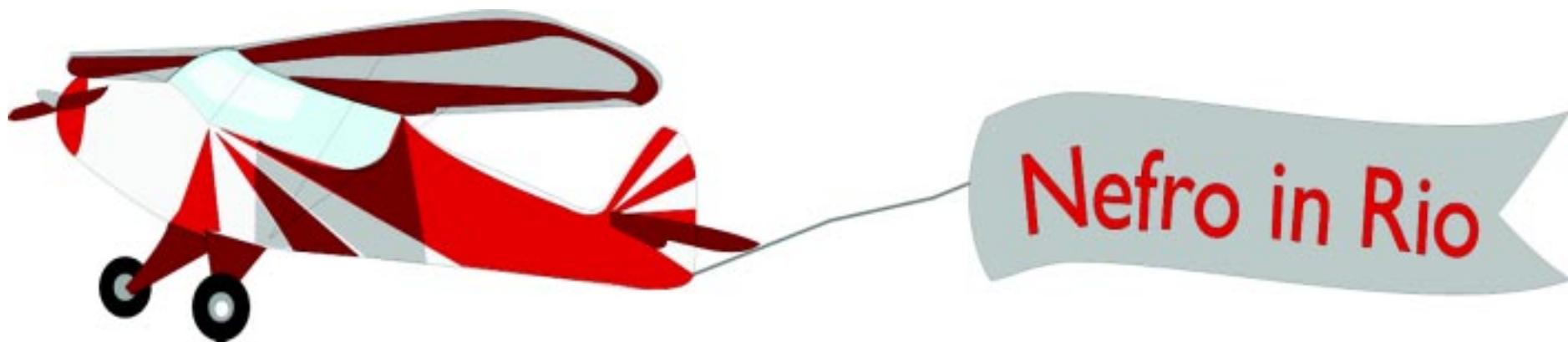
Jornal da Sociedade de Nefrologia do Estado de São Paulo
ano II - número 3

■ **MAX NUNES, HUMORISTA E
CARDIOLOGISTA, FAZ DO RISO
A MELHOR VINGANÇA**

■ **ZERBINI: TRANSPLANTE DE FÉ E
ESPERANÇA NA MEDICINA BRASILEIRA**

■ **FIM DA NOVELA DE JACAREÍ: UMA
CIDADE MOBILIZADA É OUTRA COISA**

■ **GOVERNO ATROPELA A CONSTITUIÇÃO
E DEIXA NOSSAS CLÍNICAS NA MÃO**



**ABRIL
DE 2007:
RIO, CAPITAL
MUNDIAL DA
NEFROLOGIA**



*Nestor Schor,
presidente do
evento,
prevê pelo
menos 7 mil
congressistas*

UMA PALAVRA

FIM DA NOVELA

DE PARABÉNS TODOS OS QUE BATALHARAM PELA PRESERVAÇÃO DA ÚNICA UNIDADE DE TERAPIA RENAL SUBSTITUTIVA DE JACAREÍ

O *Diário de Jacareí* de 1º de fevereiro veio com este título na matéria de capa, uma boa nova para toda a população do município, a volta das atividades da Unidade de Nefrologia da Clínica Distal daquele município, autorizada pela Diretoria Regional de São José dos Campos, após onerosa e desnecessária demonstração de força, ancorada na retenção do alvará da Vigilância Sanitária. Os pacientes, transferidos para unidades de outros



municípios, voltaram ao seu local de tratamento, de onde nunca deveriam ter saído pelos motivos alegados. Ainda emocionada, pelo telefone, Verônica Casotti, diretora da clínica, agradeceu o empenho da Sonesp nessa queda-de-braço. Disse que falava também em nome dos pacientes, que puderam voltar ao tratamento em sua cidade.

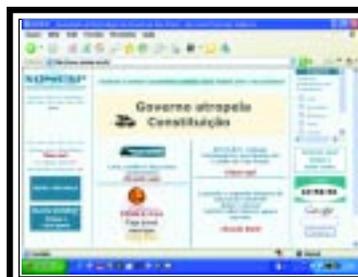
Aproveitamos para refletir, não sobre o agradecimento, mas sobre a atitude-cidadã. tomada pelo conjunto dos interessados, para se opor a desnecessárias demonstrações de força da autoridade responsável pela regulamentação das atividades de prestação de serviços no setor. Embora sejamos da opinião de que antes do acionamento de medidas judiciais, haja outros expedientes políticos e sociais capazes de



moderar o ímpeto de coação de pessoas que transitoriamente representam o poder público e tendem a ser mais realistas que o rei. Merecem congratulações os pacientes, a população, organizações sociais e políticas que incansavelmente batalharam por preservar a única unidade de terapia renal substitutiva da cidade. Não podemos deixar de lamentar medidas extremas que obrigaram pacientes a serem transladados para outros

municípios com o risco do transporte rodoviário e o desassossego das famílias.

■ Ruy Barata



**VISITEM NOSSO SITE:
www.sonesp.org.br**

PÍLULAS

DEU NA FOLHA

“O Brasil pagou, em 2005, R\$ 157 bilhões de juros da sua dívida.

No mesmo ano, gastou só R\$ 7 bilhões em educação e R\$ 33 bilhões em saúde. Não quero ser panfletário, muito menos pregar a irresponsabilidade mas alguma coisa está errada por aqui.

No Brasil, são gastos, anualmente, US\$ 124 por habitante em saúde e nem o mais convicto otimista pode achar que as coisas estão bem”.

MIGUEL SROUGI

*Professor titular de urologia
Da Faculdade de Medicina da USP*



SONESP - SOCIEDADE DE NEFROLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORIA BIÊNIO 2005/2006:

Ruy Antonio Barata - presidente;

Antonio Américo Alves - vice-presidente;

Tereza Maria - diretora do interior;

Ana Maria Misael - secretária;

Márcio Dantas - diretor científico;

Adriano Luiz Ammirati - tesoureiro;

Altair Oliveira de Lima - diretora de defesa profissional.

JORNAL NEFRO SP:

Coordenação: Dr. Ruy Barata;

Jornalista Responsável: Palmério Dória;

Editoração e Impressão: Ânema Editorial

Tiragem 2.500 exemplares

GALERIA

“SÓ QUERIA PRATICAR MEDICINA, A MELHOR MEDICINA POSSÍVEL”

Euryclides “Bisturi” Zerbini

26 de maio de 1968. Euryclides de Jesus Zerbini entra para a história da medicina ao realizar o primeiro transplante de coração da América Latina. A curta sobrevivência do transplantado, 28 dias, não o desencorajou: em sua carreira, realizou mais de 40 mil cirurgias.



Filho de imigrantes italianos, Euryclides nasce em Guaratinguetá (SP) a 7 de maio de 1912. Recebe educação rígida. Termina o colégio sem descobrir a vocação. O pai sentencia: “Você vai ser médico.” Forma-se pela Universidade de São Paulo e especializa-se em cirurgia do tórax. Em 1942, realiza a primeira cirurgia cardíaca do País, em um garoto de 6 anos. Viaja aos Estados Unidos e trabalha com o sul-africano Christian Barnard, que em 1967 realizaria o primeiro transplante de coração no mundo.

Torna-se diretor do pronto-socorro do Hospital das Clínicas de São Paulo e cirurgião do Instituto de Cardiologia. Organiza equipe de especialistas em cirurgia cardíaca. Idealiza e dirige por sete anos um dos mais conceituados hospitais do País, o Instituto do Coração (Incor), inaugurado em 1975.

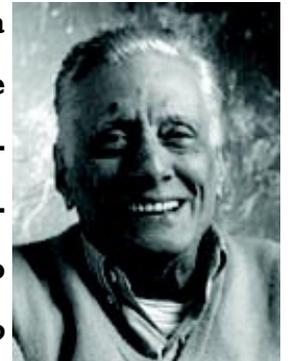
Aos 73 anos, Euryclides faz o primeiro transplante de coração em portador da doença de Chagas. De sua biografia constam mais de 450 contribuições técnicas e científicas de repercussão mundial. Morreu em São Paulo, a 23 de outubro de 1993, com 81 anos. Sobre o ofício disse a coisa mais simples:

“Só queria praticar medicina, a melhor medicina possível.”

NUNCA TEVE CONSULTÓRIO, TRABALHAVA EM PLANTÕES DE URGÊNCIA

Dr. Max acha a piada que está por trás da desgraça

Difícil encontrar alguém que não tenha gargalhado com as piadas e bordões de Max Nunes, mestre do riso e cardiologista. Formou-se médico em 1948. Para pagar a faculdade, pediu emprego na Rádio Nacional. Estreou com *Balança Mas Não Cai* - sucesso de mais de dez anos que passou para a tv. O programa lançou dupla que talvez seja a maior criação de Max: o Primo Pobre e o Primo Rico, vividos por Brandão Filho e Paulo Gracindo. Criou humorísticos como *Planeta dos Macacos* e *Faça Humor, Não Faça Guerra*.



Na Globo, formou com Jô Soares dupla indivisível. Hoje, o telespectador se diverte com muitas tiradas de Jô sem saber que são escritas por Max. Exerceu a medicina até dez anos atrás. É um dos fundadores do Instituto Brasileiro de Cardiologia. Nunca teve consultório. Trabalhava em plantões de urgência. Até nessa atividade Max descobre a piada. Lembra-se de um rapaz desesperado, recém-separado, dizia que queria morrer. Max pegou dois comprimidos, pediu para o rapaz tomar. E o rapaz: “Dois? Logo dois? Não vai me fazer mal?”

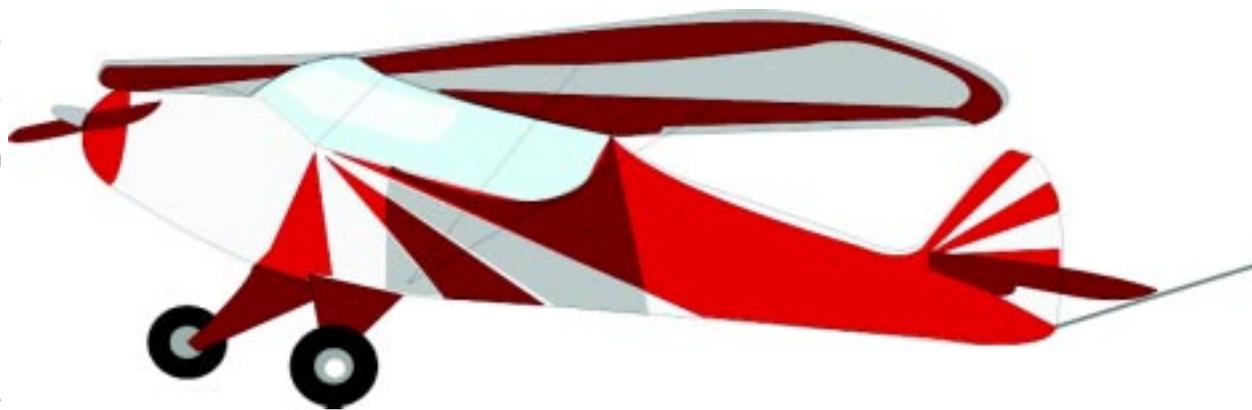
Tem a história do cardiologista que foi parar no hospital. Daria piada se o protagonista não fosse o próprio autor. Em julho de 1999, hospedado num hotel em São Paulo, sentiu-se mal. Fez o autodiagnóstico e concluiu: edema pulmonar. Errou. Resultado: cinco pontes de safena.

O MUNDO INTEIRO NO RIO,

DURANTE CINCO DIAS, EM ABRIL DO ANO QUE RIOCENTRO. NESTOR SCHOR, O PRESIDENTE DO CO

Nestor Schor, nefrologista de 59 anos, levanta a simpatia de qualquer um logo de cara. Pode não ser condição indispensável para presidir um Congresso Mundial de Nefrologia, como o que vai se realizar no Rio entre 21 e 25 de abril de 2007, mas já é um bom começo. O consultório dele, numa casa charmosa da rua Pedro de Toledo, Vila Clementina, também é muito simpático. Nem parece um consultório. Diplomas de sua intensa atividade na medicina se perdem entre gravuras de gênios das artes plásticas, uma de suas curtições. Com bom humor, desculpa-se pela ausência dos originais e passa a falar do evento promovido pela Sociedade Internacional de Nefrologia.

Na verdade, um congresso dessa magnitude, com pelo menos 7 mil pessoas circulando no Centro de Convenções do Rio-centro, em Jacarepaguá, orçado em 6 milhões de dólares, não seria possível sem uma ação coordenada de esforços das enti-



dades nacional, latino-americana e internacional. Uma força-tarefa de 50 pessoas vai cuidar da preparação do terreno para que os 8 temas do encontro sejam desenvolvidos em cinco dias sem acidentes de percurso. “São conferências, mesas-redondas, discussões de casos, temas que se esgotam, explica. Paralelamente, ocorrerão Congressos-Satélites específicos. Haverá ainda cursos pré-Congresso sobre nefrologia, prevenção e epidemiologia.

COMO PÃO QUENTE Com respeitável milhagem nesses encontros ao redor do mundo – o último, em Cingapura, reuniu 5 mil profissionais da área – Nestor Schor diz que a publicação de trabalhos científicos costumam acontecer um ano depois dos congressos, vistos pelo pró-reitor de pós-graduação e pesquisas da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo como uma oportunidade extraordinária de atualização de uma maneira mais rápida e mais completa. “É como pãozinho saindo do forno”, compara. “São muitas vezes informação de impacto que transformam a nossa prática médica – o tratamento preventivo de insuficiência renal, novas máquinas de diálise, avanços tecnológicos.

Os Congressos Mundiais de Nefrologia, que acontecem a

OS NÚMEROS
7 mil participantes
2 mil brasileiros
6 milhões de dólares
de orçamento
50 pessoas na organização
8 grandes temas

FALANDO DE NEFROLOGIA

VEM, 7 MIL NEFROLOGISTAS VÃO CIRCULAR NO CONGRESSO, DIZ AQUI O QUE ELES PODEM ESPERAR.

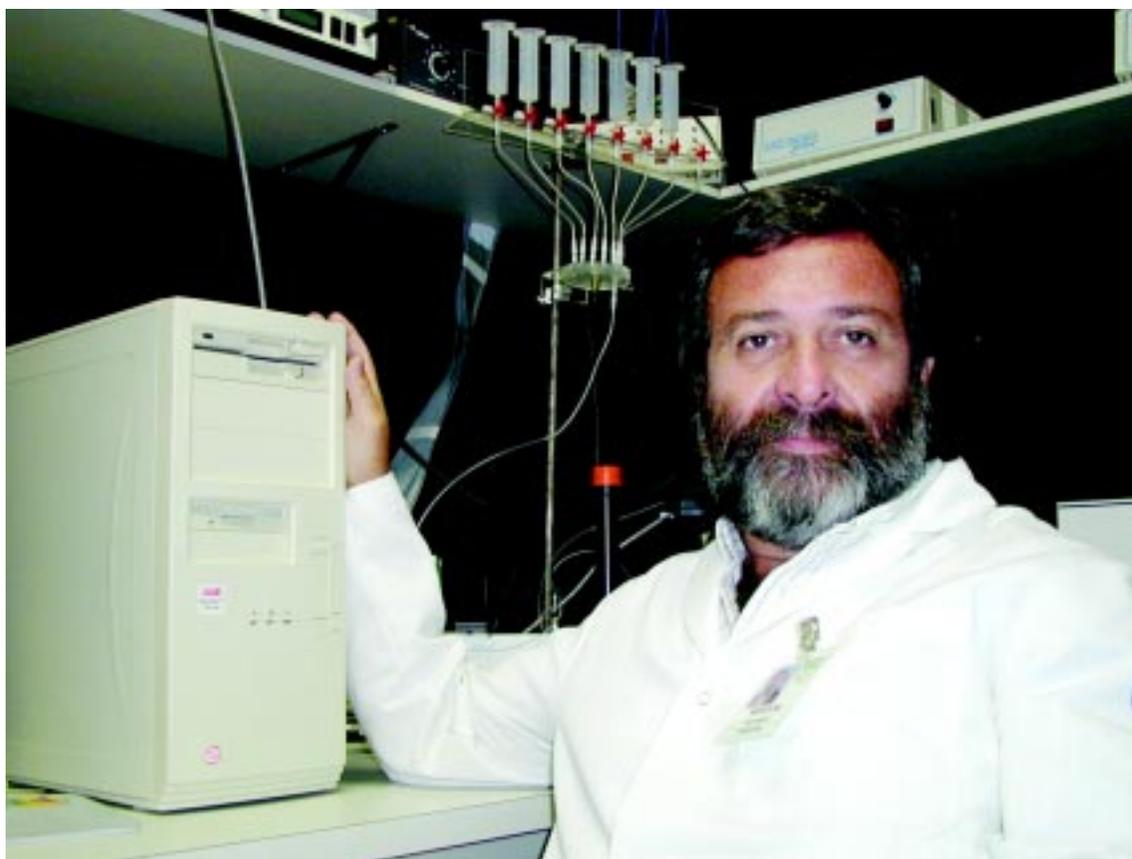
Nefro in Rio

cada dois anos, na visão do médico são uma oportunidade rara para que pessoas de diferentes escolas discutam conceitos e condutas médicas, mas ele não acredita em “grandes revoluções” – “Quando têm, explodem fora dos congressos”. De qualquer forma, o encontro do Rio permitirá que cada um dos participantes “ponha seu tijolinho na estrutura médica”. Que é o que interessa.

DIA MUNDIAL DA NEFROLOGIA

Os números são conhecidos: no Brasil, estima-se que 1,2 milhões de pessoas tenham problemas renais, mas 70% não sabem disso. No Dia Mundial da Nefrologia – 9 de março — é preciso repetir, quase como um mantra, que a prevenção é a maneira mais eficaz de enfrentar esse problema. A campanha Previna-se, da Sociedade Brasileira de Nefrologia, foi feita justamente para isso. Um modelo de ação foi implantado em Mogi das Cruzes, em novembro do ano passado. É baseado em conhecimentos consagrados pela experiência mundial na área médica e caracterizado por simplicidade e fácil execução.

O programa vem promovendo a capacitação e a educação continuada dos profissionais dos Serviços de Atenção Básica à Saúde, para correta abordagem da população de risco, acompanhamento da progressão da DRC e adoção de critérios de encaminhamento para nefrologistas. Mas só será bem-sucedido se os governos municipal, estadual e federal compartilharem responsabilidades e mantiverem a união de esforços em favor do bem comum.



O ANFITRIÃO

NESTOR SCHOR:

Professor titular de Medicina

Pró-reitor de pós-graduação e

Pesquisas da EPM

Professor titular da UNESP

Ex-presidente da SBN

Presidente da Fundação Oswaldo Ramos

e Hospital do Rim e Hipertensão

Membro da Academia Brasileira de Medicina

UMA OBRA DE 1.060 AUTORES

TRATADO VIRA A MEDICINA PELO AVESSO

A medicina brasileira passa a contar com um livro imprescindível para atualização dos jovens estudantes, residentes, clínicos gerais e demais especialistas, que buscam a contínua qualificação profissional. Trata-se do *Tratado de Clínica Médica*, a mais completa fonte de consulta sobre as diversas doenças que acometem o ser humano, sejam elas triviais, típicas de um país tropical ou mesmo de descrição recente.

Editado por Antônio Carlos Lopes (professor titular de Clínica Médica da Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica), por Vicente Amato Neto (professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Departamento de Moléstias Infecciosas e Parasitárias), o trabalho conta com a participação de 1.060 autores: os mais reconhecidos profissionais da medicina brasileira de diversos centros de ensino e pesquisa.

A obra cumpre com maestria a arte de informar, ensinar e atualizar os jovens estudantes, residentes, clínicos gerais e demais especialistas. Por ser planejada e produzida em nosso país, contempla absolutamente a realidade da medicina brasileira.

“Sentíamos a falta de ter um livro dessa qualidade e abrangência produzido por médicos brasileiros. Era um absurdo, por exemplo, estudar Doença de Chagas em um livro

“Sentíamos a falta de ter uma obra de dessa abrangência”

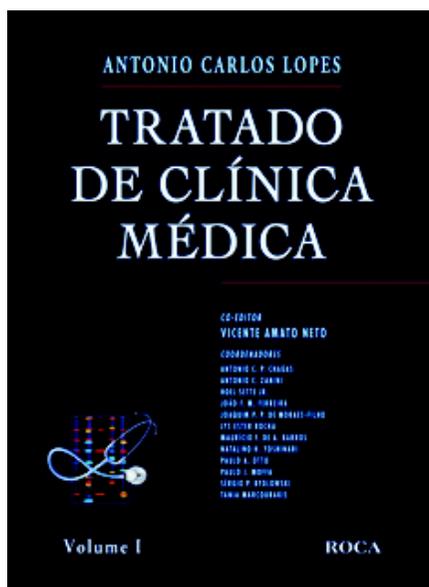
americano, afinal, é uma doença endêmica do Brasil; ou a esquistossomose; ou outras doenças tropicais”, afirma Antônio Carlos Lopes.

BOM DE LER Escrito e diagramado com o objetivo de facilitar o acesso de estudantes e profissionais às informações, o trabalho reúne textos, quadros, tabelas e ilustrações. Os quadros e tabelas apresentam-se de maneira

esquemática, trazendo informações resumidas ou detalhes que visam ao aprofundamento do tema proposto. As ilustrações, coloridas, oferecem ao leitor integração entre teoria e prática, oferecendo exemplos reais das afecções descritas.

A consulta ao material é ágil e agradável, propiciando uma leitura prazerosa. Organizada em três volumes, a obra está dividida em 26 módulos e mais de 700 capítulos, num total de 5.465 páginas.

“É um livro que atende às necessidades dos alunos, residentes, pós-graduandos, médicos do grande centro e daqueles mais afastados. É uma obra para ensino e para atualização. Seu conteúdo representa a consolidação da Clínica Médica Brasileira”, analisa Antônio Carlos Lopes. “O Brasil precisa de bons clínicos, de médicos que resolvam 70% dos casos com competência e custo compatível. Precisamos de médicos que vejam o doente como um todo e tenham o conhecimento imprescindível para bem assisti-lo”.



UM SENHOR TRABALHO

3 volumes

5.45 páginas

7 capítulos

26 módulos

ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA...

SECRETARIA DE SAÚDE TENTA EXPLICAR O INEXPLICÁVEL

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. E furo mesmo, pois a situação das Unidades de Diálise geridas pela Secretaria Estadual de Saúde atingiu o ponto crítico. O fato é que desde meados de 2004, de maneira contumaz e sistemática, a SES-SP vem passando a canetada nas contas apresentadas pelas por elas. O alcance do prejuízo já bateu nos 30 % de um faturamento no período, em nome de glosas até então inexplicáveis. Para tratar do problema a Sonesp, solicitou e conseguiu audiência com os executivos da SES, por encaminhamento do secretário Luis Roberto Barradas. No dia 1º de fevereiro a diretoria da Sonesp representada por Ruy Barata, Antonio Américo Alves e Ana Maria Misael, além de um representante do setor, Jaelson Guilhen Gomes, de Sorocaba, foi recebida no prédio da rua Doutor Arnaldo.

A assessoria da secretaria explicou que desde agosto de 2004 a SES vem executando cortes horizontais de até 2% nas faturas mensais referentes aos serviços prestado pelas Unidades em decorrência de “falta de cobertura de recursos providos pelo Ministério da Saúde”. Acrescentou que é de praxe o acerto de contas e tetos entre SES e MS a cada três meses, quando a legislação vigente determina o reajuste dos repasses para estados e municípios em função do aumento progressivo dos atendimentos calculados como média de 8% ao ano para o setor. E que tais acertos não ocorrem a cerca de 6 (seis) meses. Enfatizou que tal situação vem ocorrendo desde a retirada da TRS do chamado extra-teto, o que deixa o estado sem recursos para bancar a conta.

Inconformados, argumentamos que esta era uma situação inaceitável e que trazia graves conseqüências para o setor que, sem recursos, não tinha como se bancar, o que determinaria uma perda efetiva da qualidade e da quantidade dos serviços prestados.

EXPROPRIAÇÃO “LEGAL” No frigidar dos ovos, isto significa que o setor prestador de serviços, já penalizado por atrasos inaceitáveis, passou a financiar parte do tratamento de pacientes no estado de São Paulo, através de uma prática que, embora publicada no Diário Oficial, não deixa de ser um confisco indevido.

Por fim sugeriram que a Sonesp procurasse o caminho do Ministério da Saúde — único responsável pelo não repasse dos recursos, o que fazemos agora, ao apelar ao ministro da Saúde. Ao mesmo tempo encaminhamos carta ao secretário de Saúde solicitando que o governo do Estado arcasse com o tratamento dos pacientes e acertasse com o ministério, pois os pacientes têm direito a tratamento garantido pela Constituição Brasileira e não cabe o seu financiamento a prestadores endividados.

Em passado recente, a SES, durante a gestão de José Guedes já utilizou prática semelhante, quando chegou a fazer cortes de até 20% da fatura do estado e que só foram coibidos por recursos impetrados por esta sociedade ao Ministério Público e à Co-

missão de Saúde da Assembléia Legislativa do estado de São Paulo.

Vai aqui o nosso apelo para que em todos os municípios, em que persistirem tais práticas, se acionem as Câmaras e se busquem soluções consensuais que evitem a deterioração dos serviços de saúde. Por fim, a Sonesp se coloca como entidade de representação para encaminhar os pleitos de todos os serviços aos poderes moderadores a partir do levantamento da dívida.

Atendendo a solicitação de audiência, executivos da SES receberam no último dia 1 de fevereiro a diretoria da SONESP e um representante dos prestadores prejudicados Dr. Jaelson Guilhen Gomes de Sorocaba.



São Paulo, 03 de fevereiro de 2006.

Ilmo. Sr.

Dr. Luiz Roberto Barradas Barata
MD. Secretário da Saúde do Estado de São Paulo
Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 188 - 5º andar
São Paulo - SP - 05403-000

Prezado Senhor Secretário,

Por sua interessão, estivemos reunidos com a Dra. Iracema e assessoria no último dia 01 de fevereiro passado, quando expusemos as dificuldades dos Centros de Terapia Renal Substitutiva de São Paulo sob Gestão Estadual. Levantamentos realizados por esta Sociedade de Nefrologia do Estado de São Paulo documentam que muitos destes Centros vem acumulando desde 2004 glosas que chegam hoje a atingir o montante de até 30% de uma fatura mensal (documentos apresentados). Segundo nos informou a Dra. Iracema, a Secretaria vem fazendo cortes horizontais nas faturas e chegam até 2% mensalmente em decorrência de “falta de cobertura destes procedimentos pelo Ministério da Saúde”. A continuidade desta situação, é a nosso ver, inadequada, pois em última análise significa que os prestadores de serviços acabam por financiar uma parte da demanda do sistema, o que certamente levará a uma perda progressiva da capacidade operativa destes Centros. Há a considerar as dificuldades de um sistema que padece de atrasos como os observados nos meses de outubro e novembro pagos apenas no mês de janeiro o que trouxe grande intranqüilidade ao setor, pois o obrigou a contrair empréstimos bancários e grandes despesas de financiamento para honrar os compromissos duplicados de fim de ano o que combalou ainda mais sua situação.

Compreendemos as dificuldades da SES, e afirmamos que esta Sociedade sempre se empenhou para o conseguimento de justos aumentos e reajustes dos tetos de São Paulo. Eis porque vimos apelar a V.Sa. no sentido que a SES busque alternativas para não repassar as despesas aos prestadores de serviços, pois do contrário, não teremos como evitar o inexorável sucateamento do sistema.

Certos de sua sensibilidade e atenção para com o problema nos colocamos a sua inteira disposição para rediscuti-lo pessoalmente. Aproveitamos o ensejo para desejar-lhe votos de saúde pessoal e familiar e sucesso profissional.

Atenciosamente,

Dr. Ruy Antonio Barata
Presidente da SONESP

Em carta ao secretário, Sonesp lembra direito assegurado pela Constituição

O cacique quer trocar um jabuti por Jacqueline Ruff, antropóloga formada por Harvard, filha do gerente-geral da U. S. Steel na Serra dos Carajás

SELVAGEM, MAS NÃO TANTO

FASCINAÇÃO NÃO TEM HORA NEM LUGAR PARA ACONTECER, PODE SER ATÉ NUM MATO SEM CACHORRO, COMO VOCÊ VAI VER.

Um índio de pele muito clara sai do meio do mato, com um jabuti nas mãos, e entra na clareira em que estamos. Apesar de ter apenas uma folha de parreira enrolada no pênis, parece nitidamente o cacique dos índios paracanás que nos “atacaram” há poucos minutos, levando tudo o que havia em nosso acampamento – redes, facões, farinha, caça... Era o primeiro contato com a primeira tribo na rota da Transamazônica – já se ouvia o ronco dos tratores espantando os macacos enquanto era rasgada no meio da selva a Transamazônica, um sonho desvairado de Médici que virou rali de onça.

O sertanista João Carvalho, parceiro de Darcy Ribeiro em várias expedições de contato, vai ao encontro dele só de calção, parlamentar em tupi. A conversa leva uns dez minutos, falam cada vez mais alto, o índio gesticula irritado, aponta para o jabuti, depois para o nosso grupo, de mais ou menos dez pessoas. João Carvalho também gesticula muito, demonstrando tensão.

João Carvalho vem até nós, deixando o índio ali parado, para explicar a situação. O cacique quer trocar o jabuti por Jacqueline Ruff, antropóloga formada por Harvard, que está no meio do grupo ainda sob o impacto do emocionante encontro. Ela é filha do gerente-geral da U. S. Steel, Arthur Ruff, um apaixonado pela arqueologia que também está entre nós.

Não se pode negar o espantoso bom gosto do cacique. Jacqueline é a cara daquela Jacqueline, a Kennedy, com maxilar aristocrático e tudo. Ele deve ter vidrado nela ali no meio do mato nesses dois dias em que Jacqueline está no acampamento. Ela veio com a irmã Andréa, esnobada pelo cacique, apenas para uma rápida visita no helicóptero da gigante do aço americana, que iniciava a exploração do minério de ferro da serra dos Carajás. Mas o helicóptero deu pane, o socorro não chegou e os índios invadiam o acampamento às 8 horas da manhã, após meses e meses de espera. Provavelmente por causa da presença da beleza americana.

Jacqueline, que trabalhou muito tempo com os quíchuas, no Peru, é a única que encara a inusitada situação com absoluto *fair play*, rindo a ponto de João Carvalho pedir para ela parar. Mexe daqui, remexe dali, o sertanista encontra mais alguns facões, bota em cima dos braços, coloca-os no chão na frente do cacique, conversa outros dez minutos com ele – uma eternidade. O cacique se dá por achado, pega os facões, e volta para a mata com o jabuti e sem Jacqueline.

■ **Palmério Dória**



Ilustrações por Milton Trajano®

Baxter

30 anos com a Nefrologia

Baxter

2005 **25** anos

CAPD

Bem-estar e liberdade no tratamento do paciente renal.

Durante as 3 últimas décadas, a parceria da Baxter com a Nefrologia brasileira fez-se presente em todos os momentos: acompanhando as suas necessidades, oferecendo soluções e ajudando a melhorar a qualidade do tratamento do paciente renal crônico.

Para a Baxter, os 25 anos de Diálise Peritoneal (CAPD) no Brasil premiam o contínuo esforço em disponibilizar para os pacientes renais crônicos uma terapia que oferece benefícios clínicos, como a preservação da Função Renal Residual, principalmente nos primeiros anos de diálise e benefícios sociais, como maior independência e liberdade nos deslocamentos, possibilitando maior convívio familiar, social e profissional.

Baxter

Excelência em estar com a vida.

0800 0800 032 55 22
www.baxter.com.br